

Publicado em: KOCH, I. V e BARROS, K. S. M. *Tópicos em Lingüística de Texto e Análise da Conversação*. Natal: EDUFRN, 1997, pp. 180-184.

Digressão: uma estratégia na condução do jogo textual- interativo^{♦1}

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
Universidade de São Paulo

O propósito da pesquisa foi observar como se processa a estratégia da digressão no texto conversacional. Para tanto, foi preciso detectar, na estrutura textual, que elementos lingüísticos marcam o uso da digressão: tipo de movimento tópico que suspende momentaneamente o tópico discursivo prévio, trazendo uma cadência própria ao desenvolvimento textual.

As digressões são tratadas numa perspectiva textual-interativa, sendo observadas em seus contextos e condições de produção, já que fazem parte de uma configuração contextual, ou seja, sua funcionalidade só pode ser encontrada se forem consideradas as relações decorrentes da situação espaço-temporal e sócio-histórica que unem os participantes.

Buscando mostrar como o trabalho está organizado, faço a seguir uma síntese de cada capítulo:

Capítulo I - **A digressão na retórica antiga: transgressão ou viagem pelo labirinto dos sentidos perdidos**: estudo etimológico da palavra digressão, visando a resgatar o seu valor argumentativo trabalhado na retórica.

♦ In: BARROS, Kazue Saito Monteiro de (org.) *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: UFRN, 1997, p. 180-184.

¹- Este texto é resultado de comunicação apresentada no XI Encontro Nacional da ANPOLL, GT de Lingüística de Texto e Análise da Conversação, em João Pessoa (junho de 1996), na sessão Resultado de Teses.

Capítulo II - **Coerência no texto falado: a digressão como processo de integração discursiva**: abordagem dos principais trabalhos sobre a coerência conversacional, buscando o tratamento da digressão como produto de relações de relevância.

Capítulo III - **Contexto e funcionamento do discurso: a construção do significado comunicativo da digressão**: referencial teórico sobre o contexto verbal e não-verbal, visando a explicitar o funcionamento e as inter-relações dos diversos tipos de contexto que integram a construção do significado comunicativo de uma digressão.

Capítulo IV - **Digressão e relevância: excuro sobre a movimentação tópica**: estudo da noção de relevância a partir da proposta de Schutz (1970), chegando a trabalhos mais recentes, com o intuito de verificar como se dá a movimentação tópica, como um tópico se estabelece, qual a relação com o *frame*, como um tópico evoca outros tópicos a ele relacionados.

Capítulo V - **A digressão e suas formas de relevância: análise da configuração contextual como elemento orientador do sentido**: caracterização e classificação das digressões a partir da relevância instaurada, bem como uma explicação dos efeitos de sentido produzidos por essas digressões.

Como *corpus* para sustentação da análise, fiz uso do material do Projeto NURC/SP, organizado pelos professores Ataliba Teixeira de Castilho e Dino Preti, com apoio da FAPESP, e publicado no volume II da obra *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, 1987. Trata-se de seis inquéritos do tipo D2 - Diálogos entre Dois Informantes: 343, 62, 255, 360, 396, 333.

Foram também utilizadas oito conversações espontâneas com informantes pertencentes às duas primeiras faixas etárias, envolvendo sempre interação entre amigos. O tempo de duração dessas conversações gira em torno de dez a vinte minutos.

Ainda no que se refere à utilização do *corpus*, importa salientar que o D2 343 é utilizado como base para observar de que modo se efetiva a configuração contextual de uma conversação contendo digressões. A opção por fazer desse inquérito uma espécie de parâmetro para as análises explica-se pelo fato de que essa conversação apresenta um grau de intimidade bastante grande, já que os interlocutores são irmãos, tornando-se mais próxima daquilo que se costuma denominar de conversação espontânea.

Conforme já se disse anteriormente, a digressão é vista como um tipo de movimentação tópica que se caracteriza por apresentar duas mudanças imediatas envolvendo o mesmo tópico. Relembre-se a explicação dada por Dascal e Katriel (1979: 78) para esse tipo de mudança:

"(...) na digressão o tópico original é abandonado e um novo tópico é introduzido; este, por sua vez, é abandonado e substituído pelo tópico original, que é então reintroduzido".

Os trechos digressivos podem apresentar mudança quanto a relevância e essa mudança é percebida graças a observação de como o texto está estruturado. Para analisar como a digressão se manifesta e que tipo de relevância ela instaura, fez-se uso do conceito de configuração contextual, proposto por Hasan (cf. Halliday e Hasan, 1989: parte B) e associados aos conceitos de campo, teor e modo desenvolvidos por Halliday (1978 e 1989). Tem-se então:
a- **campo**: há um deslocamento, em termos de percepção, do tópico em andamento (tópico A) para um elemento que estava

no horizonte ou margem do tema, tornando-o focal (tópico B) e instaurando uma nova relevância tópica. Assim, o tópico A fica suspenso temporariamente, mas carrega sua relevância que agora está neutralizada, isto é, passou a ser marginal. Tem-se, então, uma **digressão lógico-experiencial** (Exemplo D2 343:20-22) provocada por uma mudança de tópico a partir de elementos inferidos como fazendo parte do tópico (tema e horizonte) e a série de relevâncias tópicas associadas a ele. Esses elementos podem ser inferidos graças ao *frame* acionado pelo falante e que será compreendido pelo interlocutor a partir de seu conhecimento prévio.

b- **teor**: há um deslocamento do tópico em andamento para um elemento de ordem contextual. Instaure-se uma preocupação de ordem social entre os participantes que buscam evidenciar seu papel na atividade. Tal deslocamento ocorre pela manifestação de algum tipo de "distração" ou "interesse" ocasionado, por exemplo, pela chegada de uma outra pessoa ou a interferência de algum ruído externo. Esse interesse é percebido devido ao conhecimento partilhado entre os interlocutores e o indivíduo que provoca o deslocamento do tópico é quem interpreta esse interesse como relevante motivacionalmente. Nesse caso, cria-se uma **digressão interpessoal incidental** (quando uma outra pessoa entra na atividade de fala ou, ainda, quando um dos participantes oferece algo para beber ou comer, por exemplo - D2 360: 413-415) ou uma **digressão interpessoal imediata**, isto é, relativa à imediaticidade enquanto relação do falante com o objeto dentro do *entorno* (quando um dos interlocutores enfoca um elemento a partir do contexto de situação: Exemplo: 343: 8-11).

c- **modo**: há uma espécie de "parada" no fluxo textual que se efetiva pela necessidade que o interlocutor tem de naquele

momento solicitar, por exemplo, um esclarecimento ou pedir uma informação. Esse tipo de movimentação tópica é bastante comum e revela uma característica interacional importante, já que pode servir de elucidação de algum "problema" (**digressão retórica didática**, exemplo: D2 343: 3-5) ou tornar-se uma forma de manipulação da fala do outro (**digressão retórica persuasiva**, exemplo: D2 343:293-300), evidenciando uma relevância metalingüística ou metaconversacional.

No decorrer do trabalho, pôde-se observar que a digressão deixa surgir no texto outro domínio de relevância. Ao suspender temporariamente o tópico central, cria uma cena em que o foco é direcionado para um propósito de natureza pessoal (digressão lógico-experiencial), contextual (digressão interpessoal incidental e digressão interpessoal imediata) ou textual (digressão retórica didática e digressão retórica persuasiva).

Para que uma digressão seja sentida como coerente, é imprescindível que se observe a atividade em curso: a focalização de um elemento depende dos interesses e necessidades dos interlocutores, podendo ser determinada somente pelo contexto situacional. Assim, o caminho escolhido para analisar a atividade conversacional foi aquele que seguiu a trilha da configuração contextual, pois o objetivo era atingir a organização funcional do texto, explicitando como os textos se manifestam em termos de estrutura.

Durante esse percurso, pôde-se perceber que a digressão deve ser considerada um procedimento que só tem razão de existir na atividade interacional. É na análise da estruturação do texto que se encontra explicação para o funcionamento dos segmentos digressivos e qual o seu valor na configuração contextual: converte-se numa estratégia que mimetiza uma

das regras do jogo do discurso. Ser um elemento "estrangeiro" ou um argumento *extra causam* tornasse, assim, uma questão de perspectiva, pois focaliza aquilo que está no campo de percepção do usuário da língua naquele dado momento.

Toda digressão instaura na significação tópica elementos que pertencem ao espaço discursivo em que se tornam emergentes devido à percepção de um dos interlocutores evidenciando que o quadro discursivo se compõem de elementos centrais e marginais passíveis de se tornarem focais devido a uma escolha realizada durante a atividade conversacional.

Pôde-se verificar que o uso da digressão não provoca rupturas ou descontinuidade no fluxo conversacional. Com o intuito de garantir a progressão do texto, os falantes se valem de recursos coesivos para voltar ao tópico prévio, logo após o trecho digressivo, dentre esses recursos, destacarm-se as repetições e os marcadores conversacionais (*e, mas, agora, então*), embora possa haver o retorno ao tópico principal sem o uso desses mecanismos. Verificou-se que tanto as repetições como os marcadores promovem a condução e a manutenção do tópico discursivo, estabelecendo a solidariedade conversacional entre os participantes, na medida em que esses elementos lingüísticos trazem dinamismo e continuidade à interação. São elementos que ordenam o texto, garantindo a unidade tópica e marcando o tipo de articulação estabelecida.

De acordo com as análises realizadas, verificou-se que as digressões podem ser definidas como uma estratégia por meio da qual os interlocutores conduzem o texto falado, manifestando na materialidade lingüística o quadro de relevância acionado na situação enunciativa. O deslocamento e conseqüente focalização de um novo ponto no domínio de relevância se instaura a partir da percepção de um dos

participantes e se efetiva por meio de marcas formais que apontam para algo que estava no *entorno* e que agora foi inserido no contexto situacional. Essas marcas formais (repetição e marcadores conversacionais) permitem precisar a identificação e delimitação de um tópico digressivo.

Concluindo, pode-se afirmar que a digressão faz parte de um sistema textual organizado a partir de regras para seu funcionamento. Relembrando as palavras de Wittgenstein, em suas *Investigações Filosóficas* (I, 54), um indivíduo só aprende a jogar, olhando como os outros jogam. Entretanto, quando se diz que uma pessoa joga de acordo com determinadas regras está se querendo dizer que se um observador passasse a explicitar as regras da prática do jogo, com o intuito de mostrar como funciona, ele estaria - pedagogicamente - ensinando a jogar, já que "a regra pode ser um auxílio no ensino do jogo". Esse é um ponto fundamental na comparação entre linguagem e jogos, já que ambos os sistemas supõem o emprego de regras. Assim, a digressão deve ser tomada como uma estratégia que, dada a sua regularidade, permite a recriação de uma regra discursiva que começou com Córax (século V a.C.) e passou por várias transformações, mas não perdeu o seu caráter de elemento suspensivo e flutuante, "excesso" ou desvio momentâneo que traz vivacidade ao jogo textual-interativo e permite um envolvimento maior dos participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DASCAL, M. e KATRIEL, T. (1979). "Digression: a study in conversational coherence". In: PETOFI, J. S. (ed.) *Text vs. Sentence*. Hamburg, Buske, vol. 29, p. 76-95.

HALLIDAY, M. A. K. (1978). *Language as social semiotic. The social interpretation of language and meaning.* London, Edward Arnold.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. (1989). *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective.* Series Editor: Frances Christie, Oxford, Oxford Univ. Press.

SCHUTZ, A. (1970). *Reflections on the problem of relevance.* New Haven and London, Yale Univ. Press.

